

# FAZENDO A BIBLIOTECA SAMBAR À CIDADE: NARRATIVAS FESTIVAS NA COMPOSIÇÃO DE UM TERRITÓRIO.

*Celvio Derbi Casal<sup>1</sup>*  
*Miguel João de Deus<sup>2</sup>*  
*Luis Artur Costa<sup>3</sup>*

## RESUMO

*O artigo narra a visita do griot Mestre Paraquedas a uma roda de samba e conversa em uma biblioteca universitária. Entre samba e histórias, o encontro é narrado agenciando a presença do griot e a re-existência festiva do samba aos processos constitutivos das cidades e aos tensionamentos moderno-coloniais que instituem lógicas patrimonialistas fetichizadas e histórias únicas sobre as cidades e bibliotecas. As histórias do Mestre Paraquedas e as ecologias de práticas de bibliotecas comunitárias são convocadas para produzir outros modos de habitar as paisagens de bibliotecas e cidades.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *bibliotecas, narrativa, samba, cidade, memória.*

---

<sup>1</sup> Bibliotecário. Mestre em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGPSI/UFRGS. Especialista em História Cultural pelo Centro Universitário Claretiano. Atualmente, é doutorando em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGPSI/UFRGS. Graduação em Biblioteconomia pela UFRGS. Exerceu o cargo de Bibliotecário-Chefe de 2018-2020 na Biblioteca do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IPSSCH/UFRGS, e desde 2024 ocupa esse mesmo cargo, onde também coordena o Programa de Extensão Biblioteca Viva: Laboratório de Criatividade. Integrante do Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas (NUCOGS/PPGPSI/UFRGS), do Grupo de Pesquisa Políticas do Narrar (PPGPSI/UFRGS) e do Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura (NuTAL/UFRGS). E-mail: [derbits@gmail.com](mailto:derbits@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7086-9276>.

<sup>2</sup> Psicólogo. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Extensionista no projeto Biblioteca Viva (IPSSCH/UFRGS) no qual coordena a ação Escuta de Bibliotecas Comunitárias. Atuou como oficineiro de rádio na Associação Construção (ACON) e no projeto Rádio Vitalidade, com foco na Luta Antimanicomial. Atual como Psicólogo Clínico. E-mail: [migueljd228@gmail.com](mailto:migueljd228@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-9974-4733>.

<sup>3</sup> Psicólogo. Doutorado em Informática da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional no Instituto de Psicologia, Serviço Social, Comunicação e Saúde Humana da UFRGS. Participante do Coletivo Políticas do Narrar, do Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas. Coordenador adjunto dos projetos de extensão “Ocupas: cidade, resistências e produção de subjetividade” e “Biblioteca Viva”. E-mail: [larturcosta@gmail.com](mailto:larturcosta@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6110-7512>.

## **DOING A LIBRARY SAMBAR TO THE CITY: FESTIVE NARRATIVES IN THE COMPOSITION OF A TERRITORY.**

### **ABSTRACT**

*The article narrates the visit of griot Mestre Paraquedas for a roda de samba and conversation in a university library. Between samba and stories, the encounter is narrated assembling the presence of the griot and the festive re-existence of samba to the constitutive processes of cities and to the modern-colonial tensions that establish fetishized patrimonial logics and unique stories about cities and libraries. The histories of Mestre Paraquedas and the ecologies of practices of community library are convened to produce other ways of inhabiting the landscapes of libraries and cities.*

**KEYWORDS:** *libraries, narrative, samba, city, memory.*

## 1. SAMBA NA BIBLIOTECA

*“Da área do meu barraco aqui no morro, a gente faz samba olhando a cidade lá embaixo/ Por certo estou mais perto das estrelas, por isso meu violão, ressona na noite, que beleza!/ Uma roda de samba então cada um faz a sua/ violão e cavaquinho, um surdo bem bão e um pandeiro na mão/ Então, é só dizer o que sente o coração/ num devaneio sutil da inspiração.” (Mestre Paraquedas)<sup>4</sup>*

O Bibliotecário planejava anunciar o velho griot no início da atividade. Tinha inclusive escrito numa folha de papel a forma como o faria: saudaria Xangô e apresentaria a Biblioteca, que como as pedras, o raio, o fogo e a justiça, é elemento do Axé desse Orixá. Depois introduziria o velho sambista: Mestre Eugênio Silva de Alencar, conhecido como Mestre Paraquedas, outro filho de Xangô, história oral viva de muitas tradições culturais da realeza do samba em Porto Alegre...

No entanto, enquanto o Bibliotecário nervosamente organizava os preparativos para a atividade, Mestre Paraquedas, em sua cadeira de rodas e no auge de seus 82 anos, cruzou como um raio o salão da Biblioteca. Ele tomou o microfone – surpreendendo os demais convidados, que rapidamente tomaram seus lugares –, cumprimentou os presentes e disparou uma de suas muitas histórias que, invariavelmente, terminavam com um samba, acompanhado pelos músicos presentes e recebido pela atenta plateia, composta por estudantes, pesquisadores, servidores e trabalhadores terceirizados.

Ao dispensar as nervosas apresentações, Mestre Paraquedas deu o tom do encontro. Entre um samba e outro, contou histórias da formação dos territórios negros e bairros periféricos da cidade – a Biblioteca e a Universidade foram construídas sobre o que fora um desses territórios. Ao contar que *"ali, onde hoje está aquele prédio novo, ali morava um negro que fazia o tambor Sopapo. Hoje nem a casa tem mais, nem o negro. [...] Mas tem outros negos fazendo de novo o Sopapo, não vão nos calar!"*<sup>5</sup>, narrou a memória viva de uma cidade desconhecida por muitos, mas que resiste ao apagamento. Histórias de remoções forçadas, confrontos com a polícia, mas também das saídas do Bloco Aratimbó, dos Bambas da Orgia, dos coretos, das tribos carnavalescas. Qual cortejo de

<sup>4</sup> ALENCAR, Eugênio Silva de. Da área. Afro Sul: Ancestralidades e Gerações (Álbum). Porto Alegre: Afro Sul, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=alSpWXppwZw>. Acesso em: 9 jan. 2025.

<sup>5</sup> Reprodução de fala do mestre no evento.

carnaval, o mestre conduziu a audiência, parando em determinados pontos, fazendo marcações secretas de Axé nos lugares onde algo aconteceu – onde “um nêgo viveu”.

A cada história contada, outras se intercalavam. Integrantes de dois blocos do carnaval de rua da Cidade Baixa, cuja fundação e composição partiu de pessoas negras moradoras e com história de ancestralidade no território, contaram da resistência quilombola no bairro boêmio, disputado pelo comércio, pela especulação imobiliária – pela proximidade com a Universidade e com o Centro –, pela gentrificação e pela necropolítica (MBEMBE, 2016) que se unem na catalização da valorização financeira do espaço com o incremento de vigilância e violência privadas e públicas a circunscreverem as nítidas fronteiras dos “guetos” privilegiados.

Permanecer no território e ocupar as ruas de suas infâncias com a cultura que aprenderam nessas mesmas ruas era determinante, re-existindo às políticas que atribuem racialmente diferentes tolerâncias em decibéis ao que pode chegar aos ouvidos da cidade. As festas de rua aqui permitem uma operação ética de conjuro: se o espaço público entre as fachadas dos prédios não necessariamente está aberto à invenção, heterogeneidade e o intempestivo, por outro lado sempre pode ser assim aberto e é nesta reverberação ética que as festas de rua territorializam a resistência ao fazer da rua uma performance ética mais do que um espaço de passagem.

Gutchá Ramil Magalhães (uma das musicistas presentes) contou que, “afora em ambientes nos quais as pessoas estão familiarizadas com os tambores – e mesmo assim ainda pode escapar – é muito comum ouvir se referirem ao som dos tambores como barulho, e raramente como som” (2016, p. 13). Uma política atencional racista classifica o que é som e o que é barulho, o que pode ser escutado nas festas e no cotidiano de uma cidade que, embora ainda mais múltipla, mantém a guerra deflagrada contra os territórios negros e suas manifestações sonoras.

Integrantes de alguns dos novos blocos itinerantes da cidade, contaram de outras re-existências: contra o conservadorismo, a lgbtqia+fobia, as expressões interseccionais do racismo, do machismo e da hegemonia econômica e midiática no controle das ruas e espaços públicos. A mobilidade, a errância e o nomadismo eram as apostas para re-existir num território itinerante.

Na parede, uma composição de fotografias tomadas por pessoas em situação de rua, dos lugares que lhes despertavam sentimentos ou emoções, constituíam uma

cartografia afetiva da cidade, ilustrando cenas de lugares mencionados pelo Mestre e demais convidadas em suas narrativas.

A festa apresentava a sua dimensão de luta política que escapa das estilísticas narrativo-performativas do heroísmo e suas imagens bélicas da vida (LE GUIN, 1989). A festa aqui passa a ser compreendida enquanto dispositivo clínico-político (SILVA et al, 2023) que transforma territorialidades existenciais ao conjurar dinâmicas contra-hegemônicas no espaço institucional da universidade. Os jogos de improviso e cooperação, articulados pela alegria festiva, desterritorializavam lógicas urbanísticas-institucionais e conjuravam novas territorialidades, cultivavam outras comunidades na aliança fugaz e duradoura da festa (SODRÉ, 2019) na cidade e na biblioteca feita rua.

Uma pequena multidão curiosa adentrou o salão da Biblioteca e dançou os saberes que ali eram compartilhados. Todes refletiram com seus corpos a importante questão da territorialização das ruas em uma diversidade intempestiva que escape e rompa com as homogêneas e planificadas espacializações do mercado, que gentrificam a cidade na tentativa de apagar sua multiplicidade constituinte.

A própria Biblioteca performou resistência a tais movimentos de colonialidade da urbe e do conhecimento, incluindo os desconfortos e tensões entre as diferentes corporalidades racializadas nos modos de sambar, nas rigidezes da branquitude acadêmica, vendo seu templo colonial sendo ocupado/retomado pela cadência bonita do samba (ALVES E GESTA, 1962). A Biblioteca, desterritorializando-se do academicismo colonial, das prescrições dos léxicos e tesouros que transpõem os deveres de guarda, transmissão e estética dos saberes que coleciona, erigiu territorialidades que reconheçam outras inscrições que não as das letras no papel, fazendo-se palco da arte que vive na rua.

A multiplicidade emergente dos passados e presentes, que rememoram/recriam uma vida da cidade, traçaram ruas outras, dialogando suas direções em um jogo de sentidos em acesso direto ao acontecimento (DELEUZE, 2009). Levado pelo contágio da música, esse jogo marca e reorganiza o tempo do encontro com os afetos e memórias, compondo uma história das relações do samba e da cidade, brincando com a vida possível que constitui ainda a cidade – e a Biblioteca – enquanto coletivo brincante.

Quem participou pode acessar um presente denso, na superfície do qual, re-existências (ALBÁN ACHINTE, 2013) e confluências (SANTOS, 2019) desenharam um território no qual os dissensos e conflitos, posições opostas, estratégias divergentes,

diferentes (des)entendimentos sobre a atuação das forças e significações das experiências apareceram não como linhas em competição, mas como composições heterogêneas de alianças e parentescos possíveis para habitar a cidade (HARAWAY, 2016). Essas múltiplas temporalidades, como nos ensina Silvia Cusicanqui,

confluyen en la “superficie sintagmática del presente”, en el aquí-ahora del continuum vivido, como yuxtaposición aparentemente caótica de huellas o restos de diversos pasados, que se plasman en habitus y gestos cotidianos, sin que tengamos plena conciencia de los aspectos negados y críticos de estas constelaciones multitemporales (2019, p. 227)

De tal modo, as histórias do Mestre, as lutas dos blocos por permanecer no território, a ética nômade dos novos blocos, os corpos, saberes, e experiências das pessoas presentes no encontro inscreveram na superfície desse presente uma composição conjunta de mundos articulados por uma ética da alegria. Como nos canta outra grande sambista: “Quando um poeta compõe mais um samba / Ele funda outra cidade / Lamentando a sua dor ele faz felicidade” (LARA, 1997).

Tais acontecimentos são parte da trama tecida de modo coletivo pelo projeto Biblioteca Viva, articulando a Biblioteca do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da UFRGS com coletivos e movimentos sociais para além da universidade. Cultivando uma ecologia de práticas (STENGERS, 2010) características das bibliotecas comunitárias no espaço de uma biblioteca universitária, promove deslocamentos e transformações nos modos de constituir comunidade e de compartilhar saberes no templo do conhecimento escrito.

Dentre as muitas ações do projeto estão a “Rádio A Vigorosa”, uma rádio-performance que acontece nos espaços de passagem do Instituto, aliançando ativistas pela reforma psiquiátrica anticapacitista e antirracista; as oficinas “Minha Vida dá um Funk?”, com formação de DJs e narrativas de vida; “Escuta de Bibliotecas Escutadoras”, um espaço de acolhimento e partilha de experiências para cultivar práticas de cuidado com as equipes de bibliotecas comunitárias; e exposições, conversas, oficinas e cinedebates.

Inspiradas na produção de comunidade e território a partir da alegria como re-existência, no samba, blocos e festas de rua, bibliotecas comunitárias, e coletivos e movimentos afirmativos de modos de vida de/contracoloniais, buscamos dançar uma Biblioteca Viva. Esta a qual pulsa a multiplicidade de saberes em um exercício ético por uma poética da relação que desfaça a filiação ocidental das bibliotecas e seus legados excludentes em uma extensão oceânica de modos de ser, sentir, fazer, conhecer a se

encontrarem em novos ritos para além das prateleiras e códigos colados nas lombadas dos livros (GLISSANT, 2021).

## **2. CUIDANDO DA MEMÓRIA: O SAMBA DOS SABERES E A BIBLIOTECA COMO CIDADE.**

Existe certa ambiguidade na relação da modernidade-colonialidade com as práticas de conservação patrimoniais que figuram enquanto principais estratégias de tal lógica eurocentrada para constituir e guardar a memória na forma monumental de um legado filiativo que erige uma linhagem por meio da exclusão da trama extensiva que nos constitui (GLISSANT, 2021). Se, por um lado, a lógica capitalística depende da constante destruição do que há, para erguer novos empreendimentos (generalizando o “bota abaixo” e a “obsolescência desejada”), por outro lado, os signos que afirmam uma estética épico-heroica são recortados da paisagem e investidos de um valor fetichizado diante das demais expressividades que compõem nossas cidades e vidas.

Prédios imponentes em sua expressividade capitalístico-colonial, estátuas monumentais de generais ou grandes poetas, são tombados como pátrios patrimônios patriarcais aos quais vamos resguardar como pontos de referência na constituição de uma territorialidade. Nas grandes capitais é usual que uma grande biblioteca conste entre tais edificações a serem preservadas das forças especuladoras do capital enquanto as cidades baixas e outros bairros dantes periféricos veem-se demolidos em humos para espigões. Do mesmo modo, “grandes obras” são obsessivamente protegidas em contraposição a uma oralitura (MARTINS, 2021) das festas as quais, muitas vezes, não apenas se proíbe a entrada na biblioteca como, também, são alvo de uma série de aniquilações próprias da colonialidade e suas necropolíticas (MBEMBE, 2021).

Tais bibliotecas se fazem heterotopias (FOUCAULT, 2013) da cidade preservada: no seu interior também se costumam guardar saberes recortados das paisagens existenciais, os quais são fetichizados segundo uma valoração muitas vezes épica e heroica que avaliza seu direito de constar naquelas prateleiras. Assim como a colonialidade capitalística recorta a cidade em objetificações fetichizantes desterritorializadas dos seus ecossistemas de práticas cotidianas para, com isso, permitir sua avaliação e manipulação pelo esquadro do capital, tal lógica também permeia as concepções de saber e memória que investem no livro, enquanto representação

objetificada do conhecimento, como única ou principal estratégia para transmitir e fazer durar os saberes.

Bibliotecas nacionais, públicas ou acadêmicas, quando concentram suas atividades nas políticas de preservação e conservação de determinadas narrativas patrimonialistas, seja em relação aos prédios, seja na curadoria dos livros que guardam, estão sujeitas a reproduzir esse tipo de lógica ontoepistemicida. Dessa forma, demarcam um único registro de memória que deveria ser resguardado do esquecimento, numa operação tanto idealizadora de um passado fetichizado projetado em seus objetos de culto, quanto apagadora de uma pluralidade de outros registros da memória das cidades, que constituem multiplicidades narrativas, outrizadas nesse processo.

Evidentemente não se trata aqui de desvalorizar ou negar a relevância de livros, bibliotecas ou prédios imponentes, mas sim de impedir estratégias de desterritorialização que permitam fazer destas tramas relacionais sensíveis, objetos abstratos passíveis de tradução por cifras, assim como, também, garantir que outras formas de memória e saberes possam ser cuidadas e compartilhadas em nossas cidades e bibliotecas.

Não podemos pensar apenas em memória, como se fosse oposta ao esquecimento. É uma questão ético-estético-política refletirmos criticamente sobre os modos pelos quais constituímos nossas memórias: do que lembramos, como recordamos (CEZAR; COSTA, 2023). As formas de lembrar compõem também os modos pelos quais constituímos nossas experiências de pertencimento: a definição de quem somos é composta também pelos modos como recontamos nossas trajetórias de formação e como narramos nossas relações com a alteridade.

As dinâmicas psicossociais narcísico-ressentidas próprias das formas moderno-coloniais, por exemplo, constituem pertencimentos filiativos (GLISSANT, 2021) que formam linhagens delimitadas por ações de exclusão alterocida (MBEMBE, 2018) que negam, objetificam, exotificam, estigmatizam e estereotipam toda e qualquer diferença que escape às normas hegemônicas. Elas são fundamentadas na manutenção dos mitos de origens heroicos que fixam duras e violentas fronteiras entre o nós e o “outro”, reduzido à negação do que sou. Estas políticas da memória, que constituem tais pertencimentos, dependem de processos de estabilização e homogeneização sustentados por narrativas de origens épicas que delimitam pretensões de pureza-conservação da linhagem em questão.



Tal é o modo de operação, por exemplo, dos sistemas de classificação bibliográfica, amplamente utilizados por bibliotecas na maioria dos países do mundo: a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU) (SLAVIC, 2008; SATIJA, 2012)<sup>6</sup>. Os sistemas de classificação bibliográfica são utilizados pelas bibliotecas principalmente para a definição da localização do livro na estante, uma política que busca aproximar o livro de outros do mesmo assunto ou classe de assuntos e definir seu “endereço” no acervo. Criados no contexto da internacionalização europeia do século XIX, esses sistemas refletem, em seus objetivos e princípios – inclusive no título da CDU –, a pretensão de universalização de uma estrutura do conhecimento científico concebida no contexto da política e da ciência ocidental da época. Desse modo, constituem um mapa hierárquico dos assuntos, uma topografia que institui a mentalidade europeia e estadunidense do período como uma paisagem racional e superior de organização do conhecimento humano (CASAL E MARASCHIN, 2023).

Decorre disso que os modos de organização do conhecimento e da memória cultivados e experienciados por grupos e populações fora do eixo ocidental europeu e estadunidense – e mesmo dissidências, atualizações e variações no interior desses centros – são desconsiderados na definição da lógica de “vizinhança” nas estantes das bibliotecas. Os saberes desses grupos se encontram não apenas subrepresentados nesses instrumentos, mas, não raro, relegados às camadas mais obscuras da estrutura hierárquica, alocados em subclasses que lhes conferem status de práticas primitivas ou “mitológicas”, quando não estão completamente ausentes das subdivisões de assuntos estabelecidas. Como exemplo, basta observar a forma como a CDD apresenta as espiritualidades dos inúmeros povos aborígenes da Oceania: reduzidas a uma subclasse genérica e alocadas na companhia dos sistemas religiosos dos antigos povos da Suméria, Babilônia e Império Assírio (CASAL, 2023).

De modo similar, processos de desenvolvimento de coleções, como os de seleção, aquisição e descarte de livros, são predominantemente orientados por uma política atencional que destaca certos materiais e invisibiliza outros, conferindo valor maior a obras publicadas por grandes editoras e autores conhecidos em seus campos,

---

<sup>6</sup> O estudo de Satija (2011) estima que a CDD, na data, era usada em cerca de 200.000 bibliotecas em 130 países, enquanto Slavic relata que a CDU, no ano de 2008, era utilizada em 60% dos 208 países pesquisados. Esses dois sistemas de classificação bibliográfica seguem sendo os mais populares, especialmente entre bibliotecas públicas, escolares e universitárias.

reproduzindo exclusões densamente emaranhadas nas assimetrias sociais interseccionais de raça, gênero e classe.

A sisuda pompa épica ou a simétrica sobriedade racionalista de algumas bibliotecas se compõem com tais políticas de memória que fazem dos livros, pregos a fixarem os traços de uma linhagem de pertencimento ocidental que estabelece uma narrativa única, guardando suas fronteiras na autoridade autoritária que inclui e exclui o que avalia merecer ou não ser lembrado. Os livros se tornam, assim, graves pesos que auxiliam a preservar tais fronteiras de pertencimento.

Cidade e biblioteca performam aqui processos similares de inclusão e exclusão, com bairros-coleções “nobres” ocupando estantes em zonas de visibilidade e circulação privilegiadas, enquanto outras, quando não são descartadas ou sequer selecionadas na composição dos acervos, ficam relegadas à periferia das estantes mais afastadas, alocadas em terrenos epistemológicos desfavoráveis aos passeios e encontros ao acaso ou mesmo às buscas-visitas intencionais.

As bibliotecas comunitárias, por sua vez, cultivam outros modos de memória e, assim, outras formas de pertencimento: um pertencimento extensivo ao operar por meio de uma poética da relação (GLISSANT, 2021) que costura tramas complexas, heterogêneas, frágeis, em movimento constante de acolher diferenças e aliançar mundos distintos. Ao invés de uma raiz única fundada em mitos de origens puras, falamos do cultivo de enraizamento rizomático que toma livros, gestos, oralidade, vidas, espaços, e muito mais para a tessitura dos seus territórios. O reconhecimento da pluralidade dos saberes e seus múltiplos valores é uma das suas estratégias que faz com que o cuidado com a memória seja ao mesmo tempo conservação e transformação constante, como um ecossistema vivo.

No bairro de Peixinhos, em Olinda/PE, a Biblioteca Multicultural do Nascedouro atua há 23 anos cultivando uma ética extensiva de relação. Trazida à existência pelo coletivo Movimento Cultural Boca do Lixo, a Biblioteca do Nascedouro se constituiu em meio às ruínas de um antigo matadouro que na década de 80, por resistência da comunidade, não se tornou um centro incinerador de lixo.

O movimento ocupou as ruínas do matadouro em 95, do jeito anarcopunk! A partir daí rolava a semana de cultura nas ruínas do matadouro. Nesse espaço tem um CSU (Centro Social Urbano) em semiabandono, que na época da ditadura praticava assistencialismo e vigiava a comunidade. Para ter ações

mais efetivas, o grupo ocupou o segundo andar do prédio do CSU em 98. O Matadouro fica bem na divisa de Olinda com Recife, então acontecem dessas coisas em bairros na divisa de duas cidades: uma prefeitura fica passando a bola pra outra, que passa de volta... e os equipamentos que era pra servir a população ficam abandonados. [...] Antes da gente, o matadouro já era ocupado por traficantes e pessoas que iam pra lá usar as drogas. Desde o início tivemos uma relação respeitosa com eles, às vezes até nos ajudavam nas atividades, prendendo lona, carregando coisas e equipamentos. Também tinham famílias desabrigadas pela cheia que moravam no segundo andar do prédio do CSU, que não tinha instalações elétricas seguras, só gambiarras, nem água e esgoto, e o movimento ajudou com roupas e alimentos e na garantia de seus direitos de moradia digna. (CASAL, 2023, p. 50)<sup>7</sup>

A Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, em Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo, após a perda do espaço que ocupava junto à unidade básica de saúde (UBS), instituiu sua sede na casa abandonada do coveiro, no cemitério da comunidade. A relação de resistência à necropolítica, que constantemente condena jovens negros de comunidades periféricas à morte violenta nos é contada por Bel Mayer:

E aí a gente fala: puxa vida, a gente tá trazendo jovens, que são vítimas do genocídio da população negra, que são principalmente jovens negros, pra dentro de um cemitério, que deveria ser um lugar para os jovens fugirem, mas é o lugar que sobrou pra gente nessa comunidade. E a gente vai começar a falar de vida nesse lugar de morte. Passados 12 anos que estamos lá [...] a gente está construindo um ciclo de vida ao contrário, a gente sai do cemitério [...] leva os livros para os comércios [...] UBSs [...] começa a adotar a rua para a rua adotar as crianças [...]. (MAYER, 2021, apud CASAL, 2023, p. 141)<sup>8</sup>

No Bairro Santa Rosa de Lima, na Zona Norte de Porto Alegre, a Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto funciona na casa que anteriormente abrigava uma delegacia de polícia. Uma das gestoras do espaço conta que onde hoje fica o acervo funcionava a cela na qual pessoas ficavam detidas. Afirma que hoje a biblioteca transforma uma prisão em lugar de liberdade pelas partilhas de saberes que ali acontecem.

Quando estabelecem esses “ciclos de vida ao contrário”, contando histórias de vida a partir de lugares de morte, as bibliotecas comunitárias desafiam os regimes necropolíticos ao povoar seus territórios periféricos com histórias diferentes das narrativas prévias, que os retratavam enquanto lugares exclusivamente violentos e precários.

<sup>7</sup> Trecho de conversa do autor com Rogério Bezerra, ativista e agente cultural de Peixinhos, um dos fundadores da Boca do Lixo.

<sup>8</sup> Mayer, B. S. (2021). Literatura: direito ao sonho e transformação social (n 52) [Podcast]. Acesso em: <http://www.coemergencia.com.br/52-literatura-direito-ao-sonho-etransformacao-social/>

NASCEDOURO. Esta terra. Banhada em sangue. De animais. E suor de homens. Não será mais matadouro. Posto que doravante. Será o nascedouro. Da Cultura Popular.

Não mais a morte. Nem a violência. Mas sim a alegria das crianças. Brincando e dançando. A perspicácia dos. Artistas jovens. E a esperança. Dos velhos artistas.

Oriosvaldo Limeira de Almeida, Poeta peixinhense, citado por Zuleide de Paula (2000, p. 56)

O enraizamento comunitário, a incidência política e a gestão compartilhada são as chaves éticas que orientam a ação das bibliotecas comunitárias integrantes da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) e das redes regionais vinculadas<sup>9</sup>. Elas atuam como caixas de ferramentas epistêmico-ontológicas para dismantelar as histórias de precarização e morte, e promover relações de parentesco por extensão entre moradores, livros, ruas, casas e demais seres que compõem as paisagens do território.

O conceito de enraizamento operado pelas BCs é o proposto por Simone Weil (2001), como cultivo de uma atenção em envolvimento com o mundo, numa busca ativa por histórias para recontar as memórias esquecidas da comunidade e de suas paisagens. Para então mobilizar, como figuras de barbante (HARAWAY, 2016), os fios relacionais que emaranham as vidas da comunidade à da cidade, estado, país e mundo. Ao incidir sobre essa teia de relações político-ontológicas, o fazem promovendo a participação ativa da comunidade nas decisões cotidianas do funcionamento, organização e gestão do espaço, acervo e atividades, envolvendo biblioteca e comunidade em um samba dos saberes de cada. De um modo brincante, o território coemerge nessa dança atencional ecológica.

A classificação por cores, utilizada por grande parte das bibliotecas comunitárias brasileiras (GUERRA et al., 2018), estabelece uma relação de vizinhança entre os livros bem distinta da que vemos nos grandes sistemas de classificação ocidentais. Aqui o que importa não é a preservação e disseminação de uma pretensa inteligibilidade universal do conhecimento, apresentada como mais uma camada de falta ou ausência na cultura local a ser ensinada ou suprida, mas sim um processo relacional de composição com as forças e vetores epistêmico-ontológicos dos livros e da leitura e com as forças e potências culturais da comunidade.

---

<sup>9</sup> A RNBC atualmente está organizada em 11 Redes Locais e 115 Bibliotecas Comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. (RNBC, 2024).

O processo de classificação e catalogação dos acervos está também imerso na atenção ao enraizamento, incidência política e gestão compartilhada nas bibliotecas comunitárias. Mutirões periódicos de organização dos acervos e o fluxo cotidiano do trabalho com as coleções envolvem atores da comunidade em um permanente processo formativo de vias múltiplas, no qual a discussão sobre o endereço de um livro na estante implica, com frequência, o debate e o estudo de características profundas dos modos de vida da comunidade, sua história e a de seus habitantes e paisagens.

O desenvolvimento das coleções também se dá nesse plano atencional, com a seleção, aquisição e descarte de livros, sempre colocadas em diálogo com a comunidade e suas características. Esse método pluri-lógico de composição das coleções não implica a ausência de conflitos. Ao contrário, envolve aproveitar os conflitos que emergem no processo para potencializar a composição de novas histórias atentas à diversidade presente no território.

No cotidiano das bibliotecas comunitárias, a superfície sintagmática do presente, tal como a concebe Silvia Cusicanqui (2019), passa a ser percebida como composições de heranças distintas ocupando simultânea e heterogeneamente o acontecimento. De tal modo, tanto os atravessamentos coloniais e necropolíticos, como as potências de re-existência no/do território se dão a perceber, em seus conflitos e contradições, possibilidades de alianças e dissensos para criar/sustentar os mundos periféricos e suas ecologias de práticas.

### 3. SAMBANDO NA CARA DA UNIVERSIDADE: O GRIOT NA BIBLIOTECA: RESTAURANDO CORPO COMUNITÁRIO ÀS ECOLOGIAS DE PRÁTICAS ACADÊMICAS

*“A Universidade subiu o morro  
Gostou de lá, até disciplina virou  
Aquele sambista que fazia tema pra escola desfilar  
Agora dá palestras no Saberes Popular, Eyá!”  
– Mestre Paraquedas - No Saberes Popular  
(COLOMBO, 2021).*

*“YAGÔ LAROYÊ, ADUPÊ BABAOBÁ. YAGÔ LAROYÊ, ADUPÊ BABAOBÁ... Já anoiteceu. A lua brilhando no negro dos olhos teus. É a luz. Dama de Ouro, Rainha de Ébano, Eparrey Oyá!”* (ALENCAR, 2020). Mestre Paraquedas, ao iniciar a canção *Yagô Laroyê*, pede licença e convida os exús a entrarem: *Agô Laroyê*, saudação de Exú – tanto para o Orixá quanto para as entidades da umbanda e outras religiões de matriz africana –

, que é quem abre todos os caminhos e quem come primeiro. *Adupê Babaobá* é uma reverência ao grande pai Oxalá um agradecimento pelo que será realizado – no batuque, agradecemos antes (VALENTIM<sup>10</sup> Apud COLOMBO, 2021). Na repetição dessas palavras em Yorubá, entram os tambores, estremecendo as paredes e o chão, as estantes e os livros da Biblioteca. Também estremecem os corpos na platéia. Estudantes de Psicologia e Serviço Social, docentes dos dois cursos, técnicos-administrativos da Universidade e trabalhadores terceirizados presentes sentem na pele e nas entranhas a cadência que se anuncia.

As cenas que seguem a essa, cartografam a heterogênea composição de existências ali reunidas e as contradições, que se mostram no acontecimento como desafio, como potência e como abertura de um território nunca visto naquela Biblioteca. Os corpos sentados em suas cadeiras balançam os pés, ombros e cabeças. Em sua maioria corpos brancos, alguns com certa dificuldade para acertar as batidas dos pés com a cadência dos tambores. Um espaço do cotidiano acadêmico tão familiar agora causa estranhamento.

A trabalhadora terceirizada da higienização que passava por ali tomou sua vassoura como parceira em uma dança hábil, o sorriso revelando o imediato reconhecimento daqueles sinais e daquele ritmo. Os pés se movendo de forma ágil, numa cadência conhecida, antecipando quebras e viradas no ritmo. Em determinado momento o olhar dela e do Mestre se cruzam e ela acena sorridente em reverência. O mestre responde com o mesmo gesto. Ela encontra aliança e pertencimento num local no qual costuma entrar e sair tímida em seu cotidiano de trabalho. “Dama de Ouro, Rainha de Ébano, Eparrey Oyá!” as palavras são também para ela.

“Kaô, Kaô! Trovejou, relampejou. É a lei de Xangô. Com as mães natureza, no Reino de Oyó, Eyá!” (ALENCAR, 2020). Ao fazer as saudações de Iansã (Eparrey Oyá) e Xangô (Kaô Kaô), Mestre paraquedas invoca as forças do trovão e do relâmpago, Axés desses dois Orixás, performados no toque dos tambores. Também os habitantes não humanos das estantes, prateleiras e corredores tremem ao som dos tambores, pois são de Xangô – do Xangô velho, Agodô – o Axé dos livros e das bibliotecas, e essas últimas são também seu reino, assim como Oyó. Quando menciona as “mães natureza”, Mestre

---

<sup>10</sup> O trecho parafraseado é de uma conversa de Sérgio Valentim, professor, cineasta e grande amigo do Mestre Paraquedas, citada na página 47 da monografia de Colombo (2021).

Paraquedas, a um só tempo, institui que em sua matriz existencial não há uma só Natureza, mas múltiplas – na canção encarnadas como Iansã, Oxum e Yemanjá – e que todas essas naturezas se fazem presentes e devem ser reverenciadas (COLOMBO, 2021).

Mestre paraquedas conta que na sua infância os blocos de carnaval percorriam longos trajetos nos bairros negros de Porto Alegre. De sua casa, quando escutava a festa se aproximando, corria para a janela e observava. Quando o cortejo passava, corria para a rua e o acompanhava, brincando e pulando, por uma dezena de quadras, quando percebia estar longe de casa e então voltava correndo. No percurso, outras crianças e adultos faziam o mesmo, e assim o bloco ia se renovando ao longo de seu curso pelas ruas da cidade. Sempre nessa composição mutante, envolvia as comunidades pelas quais passava, se transformando com as cores e rostos de cada rua, de cada casa pela qual passava, deixando esses lugares também transformados pela alegria festiva.

Essa história, contada no interior de uma biblioteca universitária, possibilita uma existência diferente ao coabitar o espaço com os corredores de estantes, com suas prateleiras e livros. Numa atenção patrimonialista, permaneceriam os livros e coleções situados em seus nichos, com suas vizinhanças estabilizadas na pretensa inteligibilidade e racionalidade universal da classificação pela CDD, impassíveis às histórias e versos do Mestre. No entanto, se atentarmos às suas palavras, sonoridades e gestos, podemos reescrever essa história tomando como referência não a localização estática dos livros, mas os movimentos de circulação que executam, ao serem retirados das estantes, lidos, anotados, e então retornados a seus nichos, transfluídos. Começo, meio e começo, como nos ensina Nego Bispo:

O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma. Para nós, o conteúdo determina a forma e a forma determina o conteúdo. [...] Os colonialistas, povos sintéticos, são lineares e não transfluem, eles apenas refluem, porque são o povo do transporte. Para eles, o pé é o conteúdo e o sapato é a forma, e ponto final. Não conseguem compreender o sapato como conteúdo e o pé como forma, porque vão responder que o pé está dentro do sapato. Ora, não é bem assim. O meu pé determina o tamanho de um sapato, não é um sapato que determina o tamanho de um pé. Os eurocristãos colonialistas só podem ir e refluir, porque não circulam, como nós. O transporte vai e volta, em linha reta. (SANTOS, 2022. p. 30-31)

É a transfluência, a circulação, ou a dança em tempo espiralar (MARTINS, 2021), que importa. A Biblioteca não é uma estabilização conservada de um patrimônio,

congelado em estantes ordenadas. É o fluxo de transformação, circulando naturezas-culturas (HARAWAY, 2021) por paisagens de práticas.

#### **4. SAIDEIRA**

No transcorrer destas páginas, nos indagamos e observamos: o que acontece quando o modo de produzir comunidade, enraizamento e incidência política das bibliotecas comunitárias entra em contato com as práticas patrimonialistas e heroicas cultivadas por bibliotecas universitárias? O rizomar de um pertencimento comum enosado pela heterogeneidade, multiplicidade, devir, em uma trama que agencia pertença e errância pelo encontro dos gestos, afetos e tudo mais que atravessam os livros para além destes.

Como um velho griot, contando suas histórias e cantando velhos sambas, pode desestabilizar regimes de percepção e de produção de saberes filiativos cultuados no templo do conhecimento escrito de uma universidade? A legitimação de outros saberes e autorias envolve um deslocamento na própria noção de autoridade e produção de verdade para além dos regimes pretensamente abstratos e puramente inteligíveis, fazendo ver na biblioteca mais ritos para além daqueles presentes na sacralização da escrita e dos escritores segundo um regime ocidental.

O que isso tem a ver com a composição de uma atenção e de uma estética das cidades? Fazer sentir-pensar uma estética das ruas como errância, pluralidade e intempestividade envolve nosso abandono das pretensões de controle-previsão que objetificam os fluxos do mundo em espaços-tempos cronificados por medidas e categorias marcadas pela estético-política da homogeneidade-simetria, abrindo caminhos para a emergência de uma estético-política da rua como festa da multiplicidade e do errar.

Se as estratégias moderno-coloniais de produção de mundo instituem lógicas patrimonialistas com a finalidade de estabilizar narrativas épicas e heroicas, num processo de fetichização das memórias das cidades, essas imagens, que aparecem concretizadas em monumentos, nomes de ruas, bairros e prédios históricos, balizam práticas conservadoras de certas inteligibilidades coloniais e necropolíticas na organização de acervos, no funcionamento e imaginários sobre as bibliotecas. Narrativas narcísico-ressentidas estão investidas nessas práticas ao imporem sua lógica de mundo único (LAW, 2015) sobre a memória das cidades e bibliotecas.



No entanto, ao povoar uma biblioteca universitária com suas histórias, com o trovejar de seus tambores, com sagrada alegria do samba, Mestre Paraquedas, o velho griot, convoca os orixás para ensinar outros modos de contar a memória da cidade. Por meio da re-existência do samba, dos blocos do carnaval de rua e de sua história negra, quilombola e batuqueira, o Mestre faz perceber a força e o Axé das heranças negras da cidade em seus modos plurais de composição de mundos e ocupação de territórios.

O que acontece no encontro, entretanto, ganha ainda outros sentidos ao proporcionar formas transfluir seus ensinamentos com as ecologias de práticas das bibliotecas comunitárias para transformar os modos de contar as histórias de uma biblioteca universitária. Os “grandes autores” e suas linhagens do pensamento excludentes e subalternizantes se desfazem em uma miríade de referências que emergem das mais diversas territorialidades dos mais diferentes modos, em um céu estrelado que ilumina as existências em seus caminhos sem ter de coordená-las a partir de uma única estrela fazendo as vezes de sol. A biblioteca, assim, mais do que espaço de conservar livros, se torna território do cultivo de comunidades.

“No dia que o doutor compreender Que quem vive lá no Morro  
Também tem direito a viver Viver com dignidade, sem opressão  
sem maldade Então tudo vai mudar, vai mudar Eu vou ser  
tratado como gente por aí Vou ter casa, comida e um trabalho  
onde ir As crianças todo o dia irão à escola estudar E a velhice  
terá condição de descansar, olhe bem Enquanto este dia não vem  
Sou o grito sou a luta sou a voz de quem não tem É morro, é  
favela, é gueto é quilombo É samba é quizomba meu povo”  
(COLOMBO, 2021, p. 33)

**Sobre o artigo:**

Recebido: 12 de agosto de 2024

Revisado: 11 de janeiro de 2025

Aceito: 06 de março de 2025

## REFERÊNCIAS

- ALBÁN ACHINTE, Adolfo. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2013. v. 1, p. 443-468.
- ALENCAR, Eugênio Silva de (Mestre Paraquedas). **Da area**. Afro Sul: Ancestralidades e Gerações (Álbum). Porto Alegre: Afro Sul, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=alSpWXppwZw>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- ALENCAR, Eugênio Silva de (Mestre Paraquedas). **Mestre paraquedas: o griô do samba**. Projeto Griô do Samba. Porto Alegre: Canal Youtube de Sérgio Valentim, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uYemzhoJCDo>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- ALVES, Ataulfo; GESTA, Paulo. **Na cadência do samba**. Universal Music, 1962. (Música).
- CASAL, Celvio Derbi. **Mundos-conjuntos**: ecologias atencionais e a coemergência de territórios existenciais com bibliotecas periféricas e suas (in)comunidades. 2023. 173 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/262587>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- CASAL, Celvio Derbi; MARASCHIN, Cleci. Feitiços e contrafeitiços da atenção coletiva: bibliotecas comunitárias e seus dispositivos atencionais para a coemergência de mundos. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 10, n. 24, p. 257-272, 2023. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/15625>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CEZAR, Brida Emanoele Spohn; COSTA, Luis Artur. Catástrofe, luto e memória: narrar para elaborar as metamorfoses das cidades. **Mnemosine**, v. 19, n. 1, 2023. DOI 10.12957/mnemosine.2023.76208. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/76208>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- COLOMBO, Stefania Johnson. **Samba entre rios**: cultura musical afro-gaúcha de Mestre Paraquedas. 2021. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/223056>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. Fragmentos de yapa en torno a la noción de lo ch'ixi. **Arte & Ensaios**, n. 38, p. 226-238, 2019. DOI 10.60001/ae.n38.p%25p. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/27927>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1, 2013.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GUERRA, Adriano; LEITE, Camila; VERÇOSA, Érica. **Expedição leituras**: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil. São Paulo: RNBC; Instituto C&A; Itaú Social, 2018. Disponível em <https://rnbc.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Ebook-ExpedicaoLeituras.pdf>. Acesso em: 8 set. 2024.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira; Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. (Mundo Junto).

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble**: making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

LARA, Dona Ivone. **Força da imaginação**. Warner Chappell, 1997. (Música).

LAW, John. What's wrong with a one-world world? **Distinktion: Journal of Social Theory**, v. 16, n. 1, p. 126-139, 2015. DOI 10.1080/1600910X.2015.1020066. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1600910X.2015.1020066>. Acesso em: 6 fev. 2024.

LE GUIN, Ursula K. The Carrier Bag Theory of Fiction. In: **Dancing at the Edge of the World**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989. p. 185-191.

MAGALHÃES, Gutcha Ramil. **Reflexões sobre políticas sonoras e (re)existências do samba na Cidade Baixa, Porto Alegre/RS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARTINS, Leda M. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Coleção Encruzilhada).

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, v. 2, n. 32, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 2 jun. 2024.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2021.

PAULA, Zuleide de. **Peixinhos**: um rio por onde navegam um povo e suas histórias. Recife: Bagaço, 2000.

RNBC. **A RNBC**. 2024. Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Disponível em <https://rnbc.org.br/a-rnbc/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Das confluências, cosmologias e contra-colonizações**: uma conversa com Nego Bispo. 2019. (Entrevista).

SATIJA, Mohinder P. The DDC 23rd edition (2011): An appraisal. **SRELS Journal of Information Management**, v. 49, n. 1, p. 1-4, 2012. Disponível em <https://www.srels.org/index.php/sjim/issue/view/3909>. Acesso em 26 mai 2025.

SILVA, Mariana Gonçalves da; COSTA, Luis Arthur; BERNARDO, Gabriel Vargas; ROSSI, Nalu Tiburi. Narrando o rolê: encantamentos das festas de rua fazendo ferver a urbe. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 10, n. 24, p. 97-112, 2023. DOI 10.48074/aceno.v10i24.15669. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/15669> Acesso em: 9 jan. 2025.

SLAVIC, Aida. Use of the universal decimal classification: A world-wide survey. **Journal of Documentation**, v. 64, n. 2, p. 211-228, 2008. DOI 10.1108/00220410810858029. Disponível em <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220410810858029/full/html>

SODRÉ, Muniz. Força e território. In: **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019. p. 85-118.

STENGERS, Isabelle. **Cosmopolitics I**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.